

### Capítulo 3

Podemos descrever dificilmente a cor dos desejos. Lembramo-nos das mãos agitadas e prosseguimos. Perdemos a memória da partida.

Perdemos o passado como um fantasma do ontem. A esperança encontrou-nos depois. Parecia a comparação do tempo que procurávamos. O acordo não trazia encomendas.

A mudança mora a um passo longe daqui. Os postais são negativos nas novidades. Misturaram os baloiços e perdemos as pistas da identidade.

Um mergulho no esquecimento facilita o engano e revela a porta. A vida cansa-se da emoção que procurava. O incidente nunca chegou na oportunidade. E assim jogámos.

O espaço encontrado pelas reservas refaz-se por medida. São projectadas as necessidades da personalidade na superfície resistente. Pintamos para durar sempre. E vale a pena aquecer o futuro na atmosfera das dunas. Ao nosso alcance a água sustentou a profundidade. Imaginamos encontrar a verdade.

Mergulhar abaixo da possibilidade alonga a adaptação. Dentro do mar desenvolvem-se saudades interessadas. Se olharmos bem ajudará a encontra-lo. Perder fez parar a procura. O esboço chegou como mensagem. Um filme único saiu da câmara. Esquecemo-nos de controlar o sinal.

Os perigos do calor da segurança são procurados quando partem. Os encontros importantes encontram a expectativa. As verdadeiras raivas perderam-se nas circunstâncias das saídas às escondidas. Os bilhetes deixam uma culpa na razão. As paragens detestam as razões possíveis.

As medidas desesperadas para confiar provam as descobertas desencantadas. Saltaram para esvaziar o oceano. As mentiras ecoaram nas imagens.

Sozinhos habituámo-nos a uma companhia agradável. As escolhas obrigadas a descobrir as hipóteses estão de partida. O azul é uma recordação. Mudamos as vírgulas da história. A desvantagem encaminhou-o pessoalmente. É o amor das palavras e das frases erradas.

Tentaste o suficiente para querer acontecer. Eliminar o correcto no problema do saber. Combinámos actualizar as distâncias. Não conseguir ver as letras a chegar é quase só trabalhar na construção de quem fez isto. Estamos próximos da verdade do tempo. O perfil físico descara a cópia original. As palavras possíveis estavam avisadas pelas luzes.

Aguentámos firme.

A oportunidade única dos que puderam vir. Andámos à deriva para longe e não ajudou flutuar. Mergulhar ao luar e remar. A aventura de uma onda que espera o lugar certo. A caminhada suficiente para abrir a porta é uma cascata estranha na fogueira do jardim.

Estamos na única estrada. As cavernas seguras estão protegidas pela chuva. Não vemos quem tenta localizar-nos. Chegaremos lá. Virão procurar-nos. Simplificamos a disposição para ir em frente. Planeamos mudar quando estivermos lá.

Nunca saberemos se vai doer. O que é onde queremos ir e onde virão? As chamadas depressa nos levarão de volta. Mudamo-nos uma próxima vez e saímos. Se tivéssemos acordado teríamos sentido o efeito.

É inacreditável aquilo que viste. O que estiveres a fazer é perder o melhor. Entregamos os olhos à transferência de recordação. Sempre me intrigaram os caminhos sonhados. Esperamos habitualmente a chamada da curiosidade.

O caminho de quem aprende a amar. Lidamos com uma opção, mas não temos. Conseguimos um passeio no campo como a viagem da vida. O romance de um relógio que interessa e gostamos. O mundo mágico de quem nos vê. Não olhamos para subir, embora estejamos. Precisamos de recursos, mas não desistimos. Continuamos a procurar.

Sentimos falta de algo ou alguém. Ainda estão a procurar-nos. Procuramos o pôr-do-sol nas pessoas que nos amam e ficamos bem. Acordámos e não os vimos. Há sempre coisas que aprendemos na verdade. Sentimos a falta de alguém.

Estávamos a rir e de repente. Discutimos a noite no local errado. Ninguém voa em dia de chuva. Nunca vi o clarão do olhar. Acreditar e sentir seja o que for. Uma forma de sair da tristeza é continuar a tentar.

Estar bem acima da praia é diferente. Ficar a observar como se tivesse que fazer ou acreditar. O jogo de quem foi. O tempo de quem ensina alguma coisa. Ia alto demais. Aconteceu demais. Não há ninguém. É só vento.

Voltaram a ter a vida parecida com outra pessoa. Não voltaram a ser apenas ninguém.

O que nos motiva continua a tirar-nos a atenção. Preparamos uma surpresa e preocupamo-nos. Procuramos ver uma sensação e nem sequer podemos falar. O clima projectou-se mo que vimos a cercar-nos.

Mudaram as correntes frias do conhecimento, sem sabermos a causa. Pensamos o que sabemos porque podemos. Encontrámos pegadas a aproximarem-se.

As alternativas abrem as ideias. Arranjamos sugestões e enfrentamos a última gota de chuva. Pedimos desculpa porque cometemos muitos erros. Temos motivos para nos encontrarmos. De uma forma ou de outra preocupamo-nos. O deserto está mesmo ali. Não podemos saber e tentamos afastarmo-nos. Temos dificuldade em ver a diferença.

Não destruimos os problemas. Não o podemos acusar porque a sua palavra incomoda. Há demasiados obstáculos e vícios. Porque não saímos daqui? Os encontros não são o momento certo para o dizermos. Magoamo-nos porque julgamos. Deitamos fora o que é nosso numa pilha enorme.

As coisas doces enchem as desculpas. As novas certezas estão a chegar e desaparecem. É apenas um jogo. Ganhamos ou perdemos o jogo da vida. No entanto, conseguimos demorar as nuvens.

Experimentamos sorrir. Na nossa lista seguimos os segundos. O medo de sofrer pede desculpa e voltamos a lamentar. Não aguentamos mentir mais. Depois de controlarmos as discussões não conseguimos ouvir. O silêncio pode piorar se parecer que fugimos. Ainda faltam muitos dias.

Não é fácil ser herói nas desculpas. A noite é escura na fronteira. Precisamos de confiança e carácter sem que o medo os conduza. Ainda estamos vivos. Raramente alcançamos o alvo certo. A sementeira da frustração inunda aquilo que perdemos. Desce até nós e não entra sozinha.

Os ciúmes aparecem esperados porque passámos muito tempo aqui. A chave do número de código saiu no desenho da imaginação. Negamos os parabéns ao assunto surpresa do adeus. Estava a sair do nada. Terminamos o dia no valor de uma vida atrapalhada pelas emoções dos erros. Fingimos que não estamos em casa porque temos algo em comum.

Não vimos ninguém de certeza naquela porta. Nunca ficámos a ver o que aconteceu. Num outro momento rejeitámos a cor azul do céu. Mudámos de local para evitar medos. Enfrentámos a vida sozinhos sem sabermos nada. Enquanto lá fora observámos os olhos, que explicam o mau feito.

Espalhámos amor no campo sem título. Todos deviam saber o valor. Misturámos o que estamos a ver. Não ganhamos tempo. Misturámos medos. Enviámos ajuda. Resolvemos as culpas. Descemos o Inverno, com as temperaturas. Tivemos de aprender a evitar mudanças. Seguimos sempre para o Sul, como a água no final do Verão. Acompanhámos a busca do calendário.

A caminhada de toda uma vida uniu o regresso próprio acima do destino. A perfeição da segurança viveu na longevidade que advém dos círculos de devoção. A dança

oferece laços de ternura no mistério da vida. Os limites indefinidos da disputa ameaçam as pedras da vingança.

O anel dos pedidos mascara o significado do medo pelo olhar. Prometemos ajudar usando a força que se conjuga. Estamos aqui pela última confissão. Estamos a ver para lá do que pensamos. A ligação divina é afetada por alguém que não conheço no fenómeno da periferia. Marcamos encontro no corpo e esperamos lá fora.

O sentido insuficiente é escaparmos do que não queremos ir. Paramos a hora deixando desaparecer a música. Reservo o teu sorriso afastado das lágrimas. Na escuridão vemos totalmente diferente. O toque torna-se adaptado ao que precisa e transforma as nuvens. Os espinhos agarram o que queremos encontrar.

Ouvimos na profundidade à volta da respiração. As florestas orientam a resistência. Os frutos da gravidade saltam as emoções das frustrações. As árvores só por si destacam-se nos olhos sacrificados. A luz do escuro movimenta-se nas distâncias. Vemos diferente como se fosse de dia. As palavras criadas cansam-se das imagens da noite. Desafiamos os lados dos espíritos desinibidos.

Orientamo-nos pelos julgamentos que nos aproximam. Procuramos mais noutraspartes. Em áreas quentes do deserto perdemos facilmente os encantos que esperávamos. Os comportamentos físicos da luz revelam que cumpriram. Saímos do chão e trepámos.

Comunicamos pelos movimentos a subir porque não podemos ir mais além. Após tanto tempo no escuro magoámos o Sol a que pertencemos. O perigo é contado no que poderá acontecer. Estamos mais entusiasmados e avançamos.

Ao abrigo da noite abrimos a cor da viagem do que fazemos para nos protegemos. Eles voltaram. O propósito não tem motivo. Estar um passo em frente e não encontrar nada.

As margens da estação seca inundam os pesadelos dos tempos difíceis.